

ACADEMIA LITERÁRIA IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA

WILMAR MOREIRA DE SOUZA JÚNIOR

SOCIEDADE DOS LOUCOS: O DESCONSTRUCIONISMO PÓS-MODERNO COMO
ORIGEM DE UMA LOUCURA OCIDENTAL

ANÁPOLIS – GO

2019

WILMAR MOREIRA DE SOUZA JÚNIOR

SOCIEDADE DOS LOUCOS: O DESCONSTRUCIONISMO PÓS-MODERNO COMO
ORIGEM DE UMA LOUCURA OCIDENTAL

Trabalho a ser apresentado à agremiação literária Imaculado Coração de Maria, como forma de enriquecimento cultural e científico de seus membros.

ANÁPOLIS – GO

2019

RESUMO: A sociedade já passou por diversos períodos filosóficos, o antigo grego, o medieval, o moderno, o contemporâneo e por fim o período atual, a pós modernidade. A filosofia surge com a passagem do mito para o logos, a forma de pensar ocidental foi sendo construída desde Sócrates, Platão e Aristóteles. As especulações um tanto abstratas da idade média levam ao surgimento da modernidade. O cientificismo moderno leva ao pensamento contemporâneo do extremo racionalismo. O racionalismo contemporâneo leva ao desconstrucionismo pós-moderno. A desconstrução é a origem de uma loucura ocidental negando a realidade mais óbvia das coisas e assim o ocidente se torna a sociedade dos loucos.

Palavras-chave: Desconstrucionismo. Filosofia. Pós-modernidade. Jacques Derrida. Ocidente. Loucura.

SUMMARY: Society has gone through various philosophical periods, the ancient Greek, the medieval, the modern, the contemporary, and finally the present period, postmodernity. Philosophy arises with the passage from myth to logos, the Western way of thinking was being built from Socrates, Plato and Aristotle. The somewhat abstract speculations of the middle ages lead to the emergence of modernity. Modern scientism leads to contemporary thinking of extreme rationalism. Contemporary rationalism leads to postmodern deconstructionism. The deconstruction is the origin of a Western madness denying the most obvious reality of things and thus the West becomes the society of the crazy ones.

Key words: Deconstructionism. Philosophy. Postmodernity. Jacques Derrida. West. Madness.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	A HISTORICIDADE HUMANA E O PENSAMENTO FILOSÓFICO	6
2.1	O DESENVOLVIMENTO DA FILOSOFIA	6
2.1.1	Filosofia antiga grega.....	7
2.1.2	O pensamento filosófico cristão medieval.....	10
2.1.3	O pensamento filosófico moderno	11
3	A CONTEMPORANEIDADE E O SURGIMENTO DO DESCONSTRUCIONISMO	13
3.1	O DESCONSTRUCIONISMO.....	16
3.1.1	O desconstrucionismo de jacques derrida	18
3.1.2	Consequências do desconstrucionismo	20
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
	<u>REFERÊNCIAS</u>	23

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo é traçado um caminho do desenvolvimento filosófico, até culminar no desconstrucionismo, que é o objetivo, se encontrando na pós-modernidade. Diante das atrocidades cometidas nas duas grandes guerras mundiais, o mundo encontrou-se em um terrível “mal-estar” social. O momento era propício para o surgimento de filosofias e ideias, que tentassem mudar o rumo ao qual chegou-se. Nesse contexto histórico surge o desconstrucionismo de fato.

Tem-se por objetivo mostrar, nesse artigo, como a desconstrução levará a sociedade ocidental a uma sociedade de loucos que não tem noção da realidade. Para tal fez-se mister apresentar de modo brevíssimo o pensamento filosófico anterior ao pós-moderno, desde os gregos antigos, passando pela idade média, os tempos modernos e o período contemporâneo. Ressaltou-se alguns aspectos e pontos importantes de cada período com preponderância nos que serão desconstruídos na pós-modernidade. O artigo é dividido em sete tópicos que foram julgados dignos de importância maior.

2 A HISTORICIDADE HUMANA E O PENSAMENTO FILOSÓFICO

Todos os fatos objetivos que ocorrem no mundo, vistos em conjunto formam a história da humanidade, porém o ser humano não somente é tido como parte da história, mas como agente histórico, autor dos fatos, surgindo assim o termo historicidade. Esse termo quer expressar “o modo específico de existir do homem. Indica que cada ser humano realiza sua própria existência a partir de um nível de cultura alcançado já por outras gerações”¹.

Cada pessoa com sua individualidade, sendo único, irrepetível, diferente de todos os outros da espécie, imprime sua marca no mundo com o seu modo de ser. Nas palavras de Hannah Arendt: “o novo começo inerente a cada nascimento pode fazer-se sentir no mundo somente porque o recém-chegado possui a capacidade de iniciar algo novo, isto é, de agir.”². Em cada ser humano que nasce o mundo é recriado e uma nova história é contada.

Para melhor ser entendida, a história é dividida em períodos, marcados por fatos que mudaram o rumo da existência humana na terra. Desde a “Pré-história”, até o período que se vive hoje, a humanidade vagueia em busca de respostas, para as questões mais fundamentais, como por exemplo: “De onde vim? ”, “Para onde vou? ”, “Como tudo surgiu? ”, “Qual o sentido da vida? ”, “Deus existe? ”, “Quem sou eu? ”.

Sendo assim, afirma Aristóteles no Livro 1 da metafísica: “ Todos os homens têm, por natureza, desejo de conhecer”³, esse desejo intrínseco ao homem, ou seja, que está dentro dele e não pode ser negado, é o que move a humanidade. Pode-se encontrar muitas respostas, mas à elas só pode-se chegar existindo anteriormente uma dúvida.

2.1 O DESENVOLVIMENTO DA FILOSOFIA

Nas famosas obras de Homero, *Ilíada* e *Odisseia* juntamente com a *Teogonia* de Hesíodo, os gregos antigos tentam encontrar respostas a esses questionamentos interiores do

¹ LUCAS LUCAS, Ramón. O Homem, Espírito encarnado: Compêndio de filosofia do homem. Santa Isabel, São Paulo: Seminário Maria Mater Ecclesiae, 2005.

² ARENDT, Hannah. A condição humana. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 17.

³ ARISTÓTELES. Metafísica, livro 1

homem, usando da mitologia. Os mitos contam o surgimento dos deuses e sua história, relacionando-os com os seres humanos.

A explicação mitológica não satisfaz o desejo humano de encontrar a verdade das coisas, e tal literatura se vê limitada. Acontece a passagem do mito para o logos, que vem do grego e significa: pensamento, palavra, discurso. Diante disso, surge a filosofia. Não existe um único conceito de filosofia, tendo em vista que é um pensamento livre e não dogmatizado, cada filósofo terá um modo próprio de filosofia, porém um só é o seu fim: filosofar é buscar a verdade racionalmente.

A filosofia pode ser dividida em alguns períodos: a filosofia pagã antiga, oriunda e desenvolvida na Grécia, a filosofia cristã medieval, produzida nos séculos IV-V até séc. XV na idade média, a filosofia moderna, do séc. XVI até o séc. XIX, a filosofia contemporânea com seu início no séc. XIX e estende-se até os tempos hodiernos e dentro dela a pós-modernidade que ainda não há consenso na data de seu início. Para entender o cerne do desconstrucionismo na pós-modernidade, é preciso descrever um pouco de todo o pensamento anterior, até culminar no atual.

2.1.1 Filosofia antiga grega

O primeiro filósofo grego que propôs uma explicação racional para o surgimento da realidade foi Thales de Mileto (séc. VII-VI a.C.). Ele procura o princípio que em grego se diz “arché”, sendo ele o que deu origem a todas as outras coisas, é aquilo que permanece imutável. Ele pertence a um grupo de filósofos chamados de naturalistas, eles, entendiam que as coisas existentes, tinham sua origem em alguns elementos da natureza.

Nos escritos de Aristóteles se encontra a seguinte afirmação: “Tales, iniciador deste tipo de filosofia, diz que tal princípio é a água”⁴. Posteriormente, Anaximandro de Mileto afirma, que esse arché deve ser algo infinito, indeterminado e ilimitado, ao qual ele denomina “ápeiron” que quer dizer: “aquilo que está *privado de limites*”⁵. Também em Mileto, um discípulo de Anaximandro chamado Anaxímenes defende a ideia de que o princípio de tudo é o ar.

⁴ ARISTÓTELES. *Metafísica*, livro 1.

⁵ REALE, Giovanni. *História da Filosofia: filosofia pagã*, v. 1. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2007. p. 19.

O último dos naturalistas foi Heráclito de Éfeso que afirma como arché, o fogo. Para ele tudo é movimento “ ‘Tudo se move’, ‘tudo escorre’ (panta rhei), nada permanece imóvel e fixo, tudo muda e se transmuta, sem exceção”⁶. A partir de então, inúmeros foram os filósofos que deram continuidade à filosofia Grega, com o seu ápice em Sócrates, Platão e Aristóteles.

Sócrates (470 a.C.-399 a.C.) foi o filósofo que descobriu o homem como psyché (alma). Ele cria o intelectualismo acreditando que na medida em que a alma conhece ela se torna uma com sua natureza e sendo assim, o homem se liberta dos vícios e se torna virtuoso. Ele é considerado o homem mais sábio de sua época.

Sócrates recusa-se em aceitar esse título, porém certa vez ao visitar o Oráculo de Delfos⁷ seu amigo Querefotes faz uma pergunta: “*preguntó si había algún hombre más sábio que yo. Pues bien: la Pitonisa⁸ respondió que no había nadie.*”⁹ “Perguntou se havia algum homem mais sábio que eu. Pois bem: A Pítia respondeu que não havia ninguém.” Sócrates é acusado de corromper a juventude por ensinar a sua filosofia, sendo condenado à morte tendo que beber cicuta.

Platão, discípulo de Sócrates, faz uma transformação que determina todo o ocidente. Ele fala da existência de realidades espirituais. Platão dá um salto gigantesco, descobrindo uma realidade superior à do mundo sensível, uma realidade suprassensível ou inteligível. Têm-se o surgimento da metafísica¹⁰, aquilo que está além do físico, uma realidade ontológica suprassensível, também chamada de mundo das ideias ou hiperurânio, o que não é um lugar físico, porém outra dimensão da realidade.

Então, no suprassensível estão todas as essências, aquilo que faz com que algo seja o que é e não outro, são as ideias das coisas materiais. O mundo sensível é uma cópia, porém imperfeita do mundo inteligível, são como sombras da realidade suprassensível. Platão influencia todo o pensamento ocidental trabalhando de forma dialética.

No entanto, Platão tem um discípulo chamado Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.). Sua filosofia se diferencia com a do mestre que teve. Aristóteles marca o pensamento ocidental com suas obras, porém uma delas se sobressai ante as demais, “A Metafísica foi a mais imponente

⁶ REALE, Giovanni. História da Filosofia: filosofia pagã, v. 1. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2007. p. 23.

⁷ Delfos é o santuário do deus Apolo.

⁸ Pitonisa ou Pítia é a sacerdotisa do santuário.

⁹ PLATON. Obras completas: defesa de Sócrates. 2. ed. Madrid: Aquilar, 1976. p. 204.

¹⁰ Metafísica não é um termo próprio de Platão, porém foi criado provavelmente pelos peripatéticos, que eram os discípulos de Aristóteles, ou por Andrônico de Rodes, que editou suas obras no séc. I a.C.

obra de Aristóteles”¹¹ e ela é a maior de todas as ciências segundo ele, no entanto, ele a chama de filosofia primeira. “O filósofo”¹² elucida sobre as relações de causa e efeito e o ser sob diversos aspectos sendo eles: o ser em si (substância e categorias), ser como ato e potência, ser como acidente e ser como verdadeiro.

Nas relações de causalidade, são nomeadas quatro causas: formal, material, eficiente e final. A causa formal é a essência de uma determinada realidade. A causa material diz respeito ao sensível, ou seja, do que é feito algo. A causa eficiente é o que gerou, o que fez, o princípio do movimento de algo. Por fim, a causa final, que é o direcionamento da coisa, uma finalidade a qual ela tende. As quatro causas podem ser aplicadas a todo ser existente.

Assim, o ser em Aristóteles é tudo aquilo que existe, seja a realidade sensível, seja a realidade inteligível. O ser em si é aquela realidade existente autônoma, independente de outras, é a substância ou essência e seus nove acidentes. Ele também afirma o ser em potência e o ser em ato, o ser como acidente e o ser como verdadeiro.

Sendo o ser como verdadeiro: “é aquele tipo de ser próprio da mente humana que pensa as coisas e sabe conjuga-las como elas estão conjugadas na realidade, ou separá-las como estão separadas na realidade.”¹³, essa definição tem grande aparência com a definição de verdade dada por Tomás de Aquino: “Veritas est adaequatio rei et intellectus”¹⁴ “Verdade é adequação entre intelecto e coisa”.

Inesgotável é o conteúdo que se poderia apresentar tangendo o pensamento grego, porém elucida-se apenas alguns pequenos pontos que serão desconstruídos na pós-modernidade. A filosofia grega marcou o ocidente com o modo próprio de pensar. Ela delinea o pensamento seguinte. Esse pensamento em conjunto com o medieval será alvo da desconstrução e de filosofias relativistas com uma mudança total de paradigma filosófico, visto que o pensamento ocidental é embasado na filosofia grega.

¹¹ REALE, Giovanni. História da Filosofia: filosofia pagã, v. 1. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2007. p. 236.

¹² Nome atribuído à Aristóteles devido sua importância para o pensamento filosófico.

¹³ REALE, Giovanni. História da Filosofia: filosofia pagã, v. 1. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2007. p. 198.

¹⁴ AQUINO, Tomás de. ST, p. I, q. 16, a. 1, resp. 2 ed. edições Loyola. São Paulo: 2003. p. 360.

2.1.2 O pensamento filosófico cristão medieval

Com a consolidação do Cristianismo e o número ascendente de fiéis, a Igreja tornou-se referência em educação, ciência, música, arte e tudo que se podia referir a cultura. A filosofia Medieval confunde-se inevitavelmente com a teologia sendo as principais questões filosóficas acerca da existência de Deus e sua cognoscibilidade, a criação do mundo, a natureza da alma humana e a liberdade do homem.

Tem-se por pai desse período filosófico, Agostinho de Hipona, o mais importante dos Padres da Igreja. Foi um período dividido em dois grandes momentos, a patrística e a escolástica. A patrística foi o início da filosofia na Idade média, tendo por maior nome Agostinho de Hipona (IV d.C.-V d.C.).

Com sua extraordinária história de conversão escreveu uma obra com um certo aspecto autobiográfico, intitulado *Confissões*. Nela Agostinho fala sobre os estados de sua alma ao escrever tais meditações, “Querida viver feliz e temia procurar a felicidade onde ela está.”¹⁵. Agostinho foi considerado o mestre do ocidente¹⁶ por Philotheus Boehner e Etienne Gilson em sua obra, *História da Filosofia Cristã*, além de ser declarado doutor da Igreja.

No mais, Agostinho teve forte influência platônica, e marca o pensamento ocidental com a linha Agostiniana-Franciscana. Escreveu inúmeras obras de altíssima importância, sendo uma delas *De Civitate Dei*. Na obra em questão ele versa sobre dois aspectos dos seres humanos, aqueles que vivem segundo a cidade dos homens e os que vivem segundo a cidade de Deus.

O segundo grande momento na idade média foi a Escolástica, nome dado a filosofia ensinada nas escolas (universidades). O representante máximo da escolástica é Tomás de Aquino no séc. XIII d.C. Ele usa de um método sistemático escrevendo as sumas e fazendo distinções lógicas. Foi considerado um dos maiores pensadores de todos os tempos e segue uma linha mais aristotélica do que platônica, “a filosofia de Tomás tem uma função apologética, pois permite discutir com quem não aceita nenhuma fé.”¹⁷

Sua produção filosófica foi tomada como *preambulum fidei*, sendo uma preparação para fé. Sua maior obra, a Suma Teológica, foi escrita para o introdutório de teologia, ou seja, para os alunos iniciantes. Baseado em Aristóteles, Tomás de Aquino, ao contrário de Agostinho afirma que o conhecimento humano ocorre por meio da abstração.

¹⁵ AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 1984. p. 159.

¹⁶ BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. *História da filosofia cristã*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1970. p. 139.

¹⁷ REALE, Giovanni. *História da Filosofia: Patrística e Escolástica*, v. 2. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005. p. 211.

No mais, tornou-se complicada a compreensão do pensamento do Doutor Angélico¹⁸ para os tempos hodiernos, pois muito do que é ensinado sobre ele é feito no viés neotomista, lendo Tomás por Descartes e não Tomás por ele mesmo. No entanto, Tomás de Aquino preza pela razão humana como fonte capaz de conhecer, “Escreve santo Tomás: ‘É necessário recorrer à razão, à qual todos devem assentir’.”¹⁹.

Um movimento que vai dando início a mudança de época que surge, é o renascimento. Ele pretende trazer novamente o pensamento grego-pagão à tona, ou seja, renascer. Nesse período aparece também a ideia de idade média como idade das trevas, no entanto não com o intuito de ser contrário a esse período e muito menos de dar continuidade a ele, mas de diversificar o modo de pensamento, voltando às origens.

Sendo assim, as artes como escultura, pintura e música são revistas e a cultura foi aos poucos transformada. O renascimento não pode ser visto como uma negação do Deus cristão da idade média, ou algo do gênero, mas como uma oportunidade de renascer as perspectivas de vida da humanidade.

2.1.3 O pensamento filosófico moderno

No ano de 1543, em que fora publicado o livro de Nicolau Copérnico, *De revolutionibus*²⁰, inicia-se a revolução científica, tem-se início ao pensamento moderno (séc. XV a.C.-XVI d.C.). Um novo paradigma filosófico surge, fruto das elucubrações abstratas da escolástica. O homem não quer mais ficar nesse mundo das essências e do ente como coisas pensáveis, mas como coisas mensuráveis, experimentáveis, ou seja, empíricas.

Todavia, não quer dizer que antes não havia ciência, pois havia e de altíssimo nível, no entanto, de agora em diante, buscar-se-á um método próprio. Aqui inicia-se algumas correntes filosóficas que contradizem alguns princípios tradicionais dos filósofos clássicos e medievais. A filosofia moderna tem por pai René Descartes, com ele o pensamento filosófico sofre uma reviravolta, pois ele não dá continuidade ao pensamento de nenhum autor anterior.

Descartes desenvolve o que ficou conhecido como método cartesiano, possuindo quatro regras para que se possa chegar a verdade das coisas. A primeira regra é a evidência: deve-se ter ideias claras e distintas. A segunda regra é a análise, decompondo em partes e verificando

¹⁸ Nome dado a Tomás de Aquino pela sua pureza de vida.

¹⁹ REALE, Giovanni. 2005.

²⁰ REALE, Giovanni. 2005.

cada uma. A terceira regra é a síntese, em que se deve começar do mais simples ao mais complexo. Por fim, a quarta regra é a enumeração e revisão, verificando se a análise é completa e a síntese correta.

Também nesse período encontra-se John Locke, o fundador do empirismo Lockiano, que reduz a verdade somente naquilo que é possível passar pelo crivo da experiência sensível. E o pensamento moderno é sintetizado em Immanuel Kant (1724-1804), contudo dando início ao contemporâneo.

3 A CONTEMPORANEIDADE E O SURGIMENTO DO DESCONSTRUCIONISMO

Como transição ao pensamento contemporâneo inicia-se o iluminismo no séc. XVIII. Ele foi um movimento que pretendeu ressaltar o valor da razão humana, tendo nela, uma confiança extremada. Foi um movimento fortemente marcado pelo pensamento desconstrucionista, visando a libertação dos dogmas metafísicos, que outrora teve início na modernidade.

Com base nisso, visa também a liberdade em relação aos preceitos morais, pois a religião é natural e racionalista, não se acredita numa revelação. Também se encontra o deísmo: Deus existe, criou o mundo, mas não se revelou, sabe-se que ele existe puramente pela razão. Acredita-se nos deveres naturais como tolerância e liberdade.

Na seguinte frase observa-se uma expressão clara do iluminismo: “Voltaire dirá: ‘Para mim é evidente que existe um Ser necessário, eterno, supremo e inteligente – e isso [...] não é verdade de fé, e sim de razão’.”²¹ Esse deísmo iluminista, somente abriu caminho para um futuro materialismo, como ocorre com Denis Diderot, um deísta convicto até escrever em 1748 sua obra, *Carta sobre os cegos* em que ele afirma: “A hipótese de um ser qualquer colocado fora do universo material é impossível. Não se devem jamais fazer hipóteses deste gênero, porque a esse respeito nada se pode inferir”²².

Outros pontos defendidos são o conhecimento científico e técnico e também os direitos dos homens e dos cidadãos. “Kant dirá que o lema do iluminismo é: ‘Sapere aude! Tem coragem de servir-te de tua própria inteligência!’”²³. Nele ocorreu uma oposição a todo conhecimento metafísico e sistemático, porém o iluminismo não está preso aos fatos da natureza, a filosofia agora não está separada dos outros conhecimentos, mas é como a alma, aquilo que dá vida a todos eles. Essa união deixará brechas para a manipulação ideológica dentro das áreas do conhecimento.

O iluminismo usou de alguns meios para circular as suas ideias, alguns deles foram, por exemplo²⁴:

- a) As academias estudantis onde ocorre o desenvolvimento da ciência, das pesquisas e da cultura.

²¹ REALE, Giovanni. História da Filosofia: de Spinoza a Kant, v. 4. São Paulo: Paulus, 2005. p. 224.

²² DIDEROT, 1748 apud REALE, Giovanni. História da Filosofia: de Spinoza a Kant, v. 4. São Paulo: Paulus, 2005. p. 245.

²³ REALE, Giovanni. História da Filosofia: de Spinoza a Kant, v. 4. São Paulo: Paulus, 2005. p. 219.

²⁴ REALE, Giovanni. 2005.

- b) A maçonaria, que foi criada em 1717, onde observa-se a presença forte do deísmo com o uso da expressão “o supremo arquiteto do universo” que é Deus.
- c) Os salões parisienses, onde as pessoas de alta classe se reuniam para conversar e assim adquirirem cultura e desenvolverem pensamentos e as mulheres foram sendo inseridas em áreas da sociedade que antes não pertenciam.
- d) Os ensaios, são escritos curtos, porém com um tom provocante e polêmico.
- e) Os jornais e periódicos, onde circulam as notícias, editoriais e artigos de opinião.

Kant realiza a chamada “revolução copernicana” fazendo analogia a Nicolau Copérnico. Frente a uma serie de fenômenos que não eram explicados dentro do sistema solar vigente na idade média, onde a terra era o centro e os outros planetas e estrelas giravam em torno dela inclusive o sol. Sendo assim Ele resolve colocar o sol no centro e todos os outros astros girando em volta, foi desse modo que os fenômenos anteriormente não explicados recebem uma solução.

Assim como Copérnico, Kant revolucionou paradigmas. Até o momento tentou-se explicar o conhecimento com o sujeito girando em torno do objeto, ou seja, o objeto se dá a conhecer e é fonte da verdade de si mesmo. A partir de Kant o papel é inverso, pois para ele o antigo modo de pensamento deixava muitas coisas sem explicação, então é o objeto que gira em torno do sujeito, sendo assim, cada um pode dizer a verdade acerca da realidade subjetivamente.

Por isso, Immanuel Kant abandonou a objetividade clássica e instaurou um pensamento que é a base do desconstrucionismo. Kant afirmou que o conhecimento se dá no nível fenomênico (sensível) e nomênico (intelectual). O conhecimento fenomênico nos apresenta as realidades do mundo não como são, mas como são percebidas pelos nossos sentidos, enquanto o noumênico diz respeito ao ser em si das coisas. Para Kant o conhecimento mais seguro é o que se dá no nível fenomênico, visto que não podemos atingir o ser em si das coisas intelectivas de modo algum.

Ele teorizou alguns imperativos categóricos, ou seja, regra de valor universal e objetivos, o primeiro é: “Age de modo que a máxima de tua vontade possa valer sempre, ao mesmo tempo, como princípio de legislação universal”²⁵, o segundo imperativo afirma: “Age

²⁵ KANT, 1797 apud REALE, Giovanni. História da Filosofia: de Spinoza a Kant, v. 4. São Paulo: Paulus, 2005. p. 381.

de modo a considerar a humanidade, seja na tua pessoa, seja na pessoa de qualquer outro, sempre também como objetivo e nunca como simples meio”²⁶, por fim, o terceiro imperativo postula: “Age de modo que a vontade, com sua máxima, possa ser considerada como universalmente legisladora em relação a si mesma”²⁷

Contudo a filosofia não parou em Kant, mas continuou. Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) desenvolve o último sistema filosófico do ocidente, onde busca encontrar resposta coerente a tudo: física, metafísica, lógica, ética e a política. Para Hegel a realidade é um espírito infinito, esse espírito é movimento, é mutável e se dá em vários momentos, é como um círculo em que o princípio e o fim se confundem.

O conhecimento filosófico surge da dialética, porém a dialética Hegeliana difere da clássica. A nova dialética possui três momentos do absoluto, a tese, a antítese e a síntese. Na tese encontra-se o momento abstrato do espírito absoluto, é o estado intelectual, infinito. O intelecto é incapaz de perceber que tudo faz parte do absoluto e só percebe a oposição entre o universal e o particular, mas por ele se afasta do particular e pode-se chegar ao absoluto. O intelecto como tal é limitado ao conhecer a tese, pois permanece encerrado no infinito ou em um falso infinito, tornando-se vítima das oposições que ele mesmo cria, distinguindo e separando. O conhecimento filosófico deve ir além dos limites do intelecto.

No segundo momento dialético, antítese, ocorre a negação do absoluto. É o momento que se pode chamar propriamente de dialética, em que o espírito se torna material, é o surgimento das oposições do intelecto, a fim de quebrar a sua rigidez abstrata e expandir seus horizontes. O espírito absoluto se nega na natureza material, é a negação do infinito no finito, rebaixando-se e assumindo outras formas.

Então, faz-se presente os opostos, a unidade requer multiplicidade, o igual requer o desigual, o universal requer o particular. Esse é o momento negativo do absoluta que resulta da falta entre os opostos, que na verdade é simplesmente, um a ausência do outro. Essa paixão que ele sofre culmina em uma síntese superior para além da simples oposição.

No terceiro momento dialético ou momento especulativo, síntese, é o momento positivo do espírito absoluto. Uma vez superadas as oposições nas quais se detém o intelecto, mostra-se o momento concreto, a totalidade. Nesse momento o, após a negação do absoluto na matéria

²⁶ KANT, 1797 apud REALE, Giovanni. História da Filosofia: de Spinoza a Kant, v. 4. São Paulo: Paulus, 2005. p. 381.

²⁷ Ibid, p. 381.

ele retorna ao estado inicial, a síntese é uma nova tese. “A dialética, assim como a realidade em geral e, portanto, o verdadeiro, *é esse movimento circular que descrevemos e que jamais tem repouso.*”²⁸

Muito ainda poderia ser explanado a respeito do pensamento contemporâneo na filosofia, como por exemplo, o mundo como representação em Schopenhauer, porém para o objetivo da desconstrução, Hegel tem papel preponderante. Dentro do seu pensamento e da dialética irá versar o desconstrucionismo, sendo assim apresenta-se outro filósofo que contribuiu fortemente para o pensamento pós-moderno, Friedrich Nietzsche (1844-1900).

Ele é o homem que afirmou a “morte de Deus”. Na verdade, ele somente observa o que realmente já havia acontecido, o homem estava matando Deus dentro de si, vivendo como se ele não existisse, sendo assim ele teoriza a respeito dessa morte. Para que se pudesse abandonar os valores tradicionais e viver sem sentimento de culpa era preciso que o homem abandonasse Deus. Ocorreu a transmutação dos valores, e agora tem--se por objetivo o super-homem, que é aquele que vive segundo as coisas terrenas esquece o céu e quer aproveitar a vida.²⁹

3.1 O DESCONSTRUCIONISMO

O século XX inicia-se com a grande guerra que com o fenômeno da globalização tomou proporções mundiais de 1914 a 1918. Algo nunca experimentado pela humanidade, que culminou com a morte aproximadamente nove milhões de pessoas. O luto, a fome, doenças, a pobreza e o desamparo, marcam a vida das pessoas. Não bastasse tremenda atrocidade, em 1939 inicia-se oficialmente a segunda guerra mundial, de proporções ainda piores.

Em 1945 o mundo escandalizado com a capacidade do homem de autodestruição, a guerra é terminada. Foram cerca de cinquenta milhões de mortos, trinta milhões de feridos, somente pelos nazistas foram mortos cinco milhões de judeus. Em 24 de outubro de 1945 fundou-se a Organização das Nações Unidas (ONU), com o intuito de garantir a paz no mundo e a ajuda mútua entre os países.

A humanidade passou por um mal-estar social e viu-se diante de uma situação caótica, uma real balburdia instaurada, o mundo teria que refazer-se. O pensamento vigente era que se

²⁸ REALE, Giovanni. História da Filosofia: do romantismo ao empiriocriticismo, v. 5. São Paulo: Paulus, 2005. p. 108.

²⁹ REALE, Giovanni. 2005.

tudo o que a humanidade produziu até então a levou a tal ponto devia-se a partir de então fazer tudo diferente, os extremos sempre geram outros extremos.

Não há um consenso quanto ao fato histórico que deu início ao modo de pensar da pós-modernidade, mas pode-se observar que a segunda grande guerra mundial teve um papel marcante nessa transição. Como na filosofia de Nietzsche, na pós-modernidade não existem fatos, apenas interpretações da realidade, segundo os sentimentos particulares de cada um. A verdade depende das emoções, é relativa e é o querer do indivíduo que a determina. A verdade é uma construção social dependente do grupo que se pertence.

A pós-modernidade não é um novo período filosófico, porém um movimento da filosofia contemporânea. Esse movimento é marcado pelo desconstrucionismo de diversos filósofos como, Jean-François Lyotard (1924-1998), Gilles Lipovetsky (1944) e Jacques Derrida. Outro filósofo que impulsionou a desconstrução e a embasa é Ludwig Wittgenstein (1889-1951) com o giro linguístico.

No entanto, para definir a pós-modernidade, apresenta-se os conceitos do sociólogo polonês Zygmunt Bauman. Ele é conhecido por falar de uma sociedade líquida, sendo a sociedade atual, pós-moderna: “Uso aqui a expressão ‘modernidade líquida’ para denominar o formato atual da condição moderna, descrita por outros autores como ‘pós-modernidade’, ‘modernidade tardia’, ‘segunda modernidade’ ou ‘hipermodernidade’”³⁰. A sociedade perdeu seu referencial, não possui lastro, está à beira de uma verdadeira loucura, o ocidente não é mais o mesmo, e dificilmente voltará a ser.

Bauman caracteriza muito bem a modernidade:

“‘Dissolver tudo que é sólido’ tem sido a característica inata e definidora da forma de vida moderna desde o princípio; mas hoje, ao contrário de ontem, as formas dissolvidas não devem ser substituídas (e não o são) por outras formas sólidas – consideradas ‘aperfeiçoadas’, no sentido de serem até mais sólidas e ‘permanentes’ que as anteriores, e portanto até mais resistentes à liquefação. No lugar de formas derretidas, e portanto inconstantes, surgem outras, não menos – se não mais – suscetíveis ao derretimento, e portanto também inconstantes.”³¹

³⁰ BAUMAN, Zygmunt. A cultura no mundo líquido moderno. Disponível em: <LeLivros.site>. Acesso em: 23 abr. 2018.

³¹ BAUMAN, Zygmunt. A cultura no mundo líquido moderno. Disponível em: <LeLivros.site>. Acesso em: 23 abr. 2018.

3.1.1 O desconstrucionismo de jacques derrida

O termo desconstrucionismo foi criado pelo filósofo Jacques Derrida que nasceu na Argélia em 1930, lecionou na França e nos Estados Unidos. Apresenta-se aqui um pouco de sua filosofia de modo mais explícito enquanto negligencia-se outros filósofos, dada sua importância na contemporaneidade. Ele quer desconstruir a objetividade para aceitar todo pensamento possível.

Desta forma, Derrida em sua obra *Gramatologia*, pretende iniciar uma desconstrução na linguagem, para ele o pensamento logocêntrico ocidental é limitado e deve ser submetido a desconstrução. O meio mais próximo de comunicar aquilo que se pensa acerca da realidade, ou de transmitir o conhecimento das coisas é a fala, no entanto a fala é presença e é objetiva, por isso Derrida ressalta a importância da escrita e sua superioridade diante da fala, pois a escrita pode ser objeto da desconstrução, ele afirma: “apenas uma morte da fala (de uma fala que se pretende plena)”.³²

Com tal característica, Derrida faz uma verdadeira revolução no modo de pensar ocidental, a racionalidade é posta de lado, os fundamentos metafísicos colocados pelos gregos e medievais, incorporados no ocidente, já não tem utilidade e até mesmo a verdade perdeu o significado. Isso pode ser observado no seguinte trecho da obra de Derrida:

“A ‘racionalidade’ - mas talvez fosse preciso abandonar esta palavra, pela razão que aparecerá no final dessa frase -, que comanda a escritura assim ampliada e radicalizada não é mais nascida de um *logos* e inaugura a destruição, não a demolição mas a de-sedimentação, a desconstrução de rodas as significações que brotam da significação de *logos*. Em especial a significação de verdade. Todas as determinações metafísicas da verdade”³³

O desconstrucionismo é uma nova forma de ler a realidade, Jacques não o chama de método, conceito ou técnica, visto que são termos da filosofia clássica e assim, são alvo da desconstrução linguística e sendo assim mostrar-se-ia fraco. Ele a chama de estratégia, a desconstrução não é uma destruição, porque se assim fosse não atingiria seus objetivos, seu intuito está justamente em permitir que o pensamento anterior a ela continue existindo, porém, mostrando que não tem serventia alguma. A mentira não tem força, somente a verdade tem o

³² DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: editora perspectiva, 1973. p. 10.

³³ *Ibid*, p. 13.

poder de se propagar por conta própria, então tenta-se algum aspecto de aparência com a verdade, porém em outra ótica.

O desconstrucionismo apropria-se de termos e conceitos filosóficos que não são seus para por fim, mostrar suas fraquezas. Derrida afirma a existência de um jogo “O advento da escritura é o advento do jogo”³⁴, tudo se dá em oposições, no entanto deve-se acabar com a ideia de hierarquia entre as oposições, por exemplo de bem e mal. Ele pretende ir além do que ele chama de “clausura do saber”³⁵ a proposta de Derrida é tão perspicaz que ele mesmo afirma sobre o que ele pretende: “O futuro só se pode antecipar na forma do perigo absoluto. Ele é o que rompe absolutamente com a normalidade constituída e por isso somente se pode anunciar, apresentar-se, na espécie da monstruosidade.”³⁶

Tal jogo é baseado na dialética Hegeliana e ele pretende desconstruir a ideia clássica da hierarquia entre o conceito e seu oposto. No jogo ocorre uma alternância incessante de primazia entre os termos, é a tese que se nega gerando antítese e posteriormente uma síntese que não será o fim, mas vai ao infinito sem nunca chegar a um consenso. Um extremo gera o outro.

Posto isto, Jacques é contrário ao pensamento proposto por Ferdinand Saussure a respeito da linguagem, da relação entre o significante e o significado “Assim, a ‘ciência’ semiológica ou, mais estritamente, lingüística, não pode conservar a diferença entre significante e significado”³⁷. Ele afirma não se tratar de abolir tal ideia, porém acaba abolindo-o “O signo e a divindade têm o mesmo local e a mesma data de nascimento”³⁸.

Derrida pode ser considerado membro da corrente pós-estruturalista que pretende negar o estruturalismo de Jacques Lacan, Roland Barthes e Claude Lévi-Strauss, em que se afirmava a existência de uma relação necessária entre os fatos, sendo a sociedade e sua cultura formada por estruturas nas quais são baseados os costumes, comportamentos, língua e outros fatores. Para o pós-estruturalismo o que existe de fato é o momento histórico, a verdade é arqueológica, ou seja, pautada no momento e também é hermenêutica, diz-se até em pós-verdade.

Na desconstrução, para que o leitor de uma obra possa viver, é preciso que o escritor morra, ou seja, não importa a intenção objetiva de quem escreve e sim o que se interpreta

³⁴ DERRIDA, Jacques. Gramatologia. São Paulo: editora perspectiva, 1973. p. 8.

³⁵ Ibid, p. 6.

³⁶ Ibid, p. 6.

³⁷ Ibid, p. 16.

³⁸ Ibid, p. 16.

daquilo que é lido. Dessa forma o que se pretende não é atacar outros filósofos ou correntes, mas o próprio modo de pensar ocidental, considerando ele por si só.

3.1.2 Consequências do desconstrucionismo

O desconstrucionismo chega a alguns âmbitos da sociedade e instaura uma verdadeira loucura, não há nada sólido para se referenciar. Visto que a verdade é relativa a cada indivíduo não há espaço nem mesmo para a ciência, surgindo as ideologias, que são apenas conjuntos de ideias. Uma delas é a ideologia de gênero teorizada por Simone de Beauvoir, afirmando que a identidade de gênero, é uma construção social e que cada um define o que é de acordo com o que sente ser, pois segundo ela, ninguém nasce homem ou mulher, mas se torna. Não se usa nem mesmo a palavra “sexo” porque remete a biologia, o que é ciência.

Outra ideologia é a Queer, que surge nos Estados Unidos com a filósofa Judith Butler. Nela a pessoa pode simplesmente fazer o que quiser com o corpo, inúmeros procedimentos cirúrgicos inclusive redesignação sexual, moldando a si mesma, ou melhor mutilando-se, até encontrar aquilo com o qual se identifica. Criou-se uma cultura queer, é uma forma de vida e de se assumir perante a sociedade. Instaura-se uma verdadeira confusão e a perda do sentido do real.

O pensamento que marca o desconstrucionismo é a aceitação de tudo, por isso ele atinge também áreas da arquitetura, não se têm uma ideia de beleza, mas somente de utilidade, construções modernas como as de Oscar Niemeyer, no mínimo espantosas, mas desconstroem a ideia de arquitetura tradicional.

Até mesmo a Igreja Católica sofre no quesito arquitetônico com construções parecidas com um balde invertido. Nas artes como a pintura, não há mais o compromisso em representar a realidade, ou ao menos tê-la como fundamento, uma tela em branco pode ser arte, tudo depende do senso artístico de quem observa. Aos poucos o mundo perde sua beleza, até mesmo a música sofre com a desconstrução surgindo inclusive músicas sem características de música, como por exemplo o funk que não possui melodia.

Até mesmo no modo de ensinar a desconstrução está presente, como se observa no fato de um professor no seu primeiro dia de aula dizer: “não estou aqui para ensinar, mas para aprender com vocês!”, é no mínimo preocupante, pois espera-se que o professor esteja em sala

de aula para transmitir conhecimento aos alunos. Então, não se ensina o desconstrucionismo, mas no desconstrucionismo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se conhecer é um desejo natural de todo ser humano, esse conhecimento deve ser algo próprio que nada menos é que a verdade. A verdade pode se dar de diversos modos, porém nunca se contradiz, é única, imutável e objetiva. Negar o óbvio pode ser considerado como um primeiro passo para a loucura e a perda do sentido do real. A desconstrução age assim e o mundo está vagando em meio a tantas verdades quantas pessoas existem, carecendo de objetivos.

Com todo o desenvolvimento atual, volta-se a um estado animalesco do homem em que age por aquilo nele há de mais inferior. Busca satisfazer seus prazeres e isto para ele, naquele momento é real. A sociedade enlouqueceu a procura de uma liberdade em que cada um decide o que é verdade para si. O desafio é justamente o tentar retomar as bases sólidas do pensamento ocidental e voltar a sanidade mental, como no dizer do famoso escritor inglês Chesterton: “somos chamados de loucos por tentar voltar a sanidade”.

O caminho que os homens devem fazer de tão simples se torna complicado, pois de fato, não há muitas opções do que ser feito, apenas uma única coisa, no entanto eficaz, deixar que a realidade se manifeste como é. Assim, admirar-se com ela e deixar-se enamorar por sua beleza. O próprio ser das coisas se dá e dá-se a conhecer, o ser verdadeiro de Aristóteles é simplesmente enxergar a realidade como ela é, associando as coisas que estão associadas, separando as separadas e distinguindo as distintas.

O homem conhece a verdade reconhecendo a realidade das coisas como são. Aristóteles dizia que não se deve dar ouvidos àqueles que aconselham o homem, por ser mortal, que se limite a pensar coisas humanas e mortais; ao contrário, porém, à medida do possível, precisamos nos comportar como imortais e tudo fazer para viver segundo a parte mais nobre que há em nós.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 1984.
- AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*. 2. ed. São Paulo, SP: edições Loyola. 2003.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- ARISTÓTELES. **Metafísica**, livro 1
- BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. Disponível em: <LeLivros.site>. Acesso em: 23 abr. 2018.
- BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. **História da filosofia cristã**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1970.
- DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo: editora perspectiva, 1973.
- LUCAS LUCAS, Ramón. **O Homem, Espírito encarnado: Compêndio de filosofia do homem**. Santa Isabel, São Paulo: Seminário Maria Mater Ecclesiae, 2005.
- PLATON. **Obras completas**. 2. ed. Madrid: Aquilar, 1976.
- REALE, Giovanni. **História da Filosofia: filosofia pagã**, v. 1. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2007.
- REALE, Giovanni. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica**, v. 2. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005.
- REALE, Giovanni. **História da Filosofia: de Spinoza a Kant**, v. 4. São Paulo: Paulus, 2005.
- REALE, Giovanni. **História da Filosofia: do romantismo ao empiriocriticismo**, v. 5. São Paulo: Paulus, 2005.